



CARTOGRAFANDO MODOS DE VIDA DE MULHERES QUILOMBOLAS DA COMUNIDADE DE PALMAS: PRIMEIROS AGENCIAMENTOS

Luis César Rodrigues Jacinto¹
Dulce Mari da Silva Voss²

Resumo

Este artigo surge da pesquisa em andamento no Programa de Pós-Graduação Mestrado Acadêmico em Ensino (UNIPAMPA/Campus Bagé) sobre os modos de vida de mulheres negras no contexto da Comunidade Quilombola de Palmas, localizada em Bagé (RS). Trago aqui os primeiros agenciamentos que traçam o território rizomático dessa pesquisa, linhas desenhadas pela minha atuação como membro do conselho consultivo da associação dessa comunidade e a militância no Movimento Negro e que abrem outras linhas com a prática de pesquisador que está se delineando. No decorrer desse percurso cartográfico, pretendo ouvir três mulheres da Comunidade de Palmas e analisar os relatos dessas experiências, tramando conexões entre gênero e raça e linhas de fuga que constituem devires.

Palavras-chave: Rizoma. Mulheres Negras. Quilombo.

Introdução

Nesse texto apresento a perspectiva metodológica e alguns conceitos que permeiam a pesquisa em andamento no Programa de Pós-Graduação Mestrado Acadêmico em Ensino da Universidade Federal do Pampa/Campus Bagé, onde procuro tecer um território rizomático acerca dos agenciamentos produzidos pelos modos de existência de três gerações de mulheres negras na Comunidade Quilombola de Palmas³ (RS).

¹ Especialista em Educação e Diversidade Cultural, Mestrando do Programa de Pós-Graduação Mestrado Acadêmico em Ensino da Universidade Federal do Pampa/Campus Bagé (RS), email: jacintokilombobage@yahoo.com.br

² Doutora em Educação, docente da Universidade Federal do Pampa/Campus Bagé (RS), email: dulcevoss@unipampa.edu.br

³ A Comunidade de Palmas localiza-se na zona rural do município de Bagé, uma microrregião de fronteira com os municípios de Lavras do Sul, Caçapava do Sul e Santana da Boa Vista, compondo parte da Campanha Gaúcha do Rio Grande do Sul (RS). Coxilha das Flores, Rincão da Pedreira, Rincão dos Alves, Campo do Ourique e Rincão do Inferno, são localidades onde habitam cerca de 40 famílias que juntas formam a Associação das Comunidades Quilombolas Rurais de Palmas. As famílias que vivem nessas localidades possuem laços de parentesco, compadril e matrimonial, constituindo uma unidade social e cultural reconhecida como uma comunidade remanescente de quilombos, cuja descendência tem origem nos negros escravizados nas propriedades das grandes sesmarias da região da Campanha Gaúcha (GEHLEN; BITTENCOURT JUNIOR, 2007).

A escolha pela temática pesquisada é produzida pelos agenciamentos que vivencio como militante do Movimento Negro na região da Campanha Gaúcha, desde 2005, quando participei da I Conferência Nacional de Igualdade Racial (CONAPIR), que promoveu um amplo debate de políticas e planos para implementação de uma agenda de reparação às populações negras e indígenas e demais povos tradicionais, dentre eles, os remanescentes de quilombos. Foi assim que me tornei membro do Conselho Consultivo da Comunidade Quilombola de Palmas, colaborando na luta por direitos sociais dos seus moradores via imprensa em geral (programas de rádio e jornais), entre outras ações culturais e sociais desenvolvidas com organizações governamentais e não-governamentais, universidades e órgãos administrativos municipais da região da campanha gaúcha.

A militância intensificou meu interesse em abrir linhas de atuação na pesquisa das culturas negras e quilombolas, o que tenho feito desde a Especialização em Educação e Diversidade Cultural, concluída em 2015, quando me lancei à pesquisa sobre a vida comunitária de uma mulher negra na região da campanha gaúcha, a partir dos testemunhos de pessoas que conviveram com ela e que participaram das suas práticas religiosas e benzeduras nessa localidade.

Contudo, a posição de militante, homem e pesquisador negro não me permite falar “em nome de” mulheres quilombolas, visto que as práticas discursivas produzem os sujeitos de que falam, ou seja, “[...] o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo porque e pelo que se luta, o poder do qual queremos nos apoderar” (FOUCAULT, 1996, p. 10).

Logo, assumo a posição de pesquisador-ouvinte que pretende fazer proliferar os discursos das participantes da pesquisa acerca das diferentes experiências pelas quais essas se tornam mulheres quilombolas em seus contextos de vida. Pretendo trabalhar com os relatos de três mulheres da Comunidade de Palmas, uma senhora com mais de setenta anos e que gerou oito filhos, outra que foi líder na comunidade, participando de todos os processos, que resultaram em políticas públicas, entre elas: acesso a luz elétrica, moradia, redes de comunicação, e uma terceira mulher que é discente de graduação. Três gerações de mulheres cujas experiências de vida na comunidade de Palmas se diferenciam substancialmente.

Para delinear o percurso investigativo, opto pela cartografia na linha de Deleuze e Guattari, entendendo que, nessa perspectiva metodológica o processo de intervenção do pesquisador no contexto pesquisado produz o mapa da pesquisa. Cartografar é interagir no contexto pesquisado, provocando desterritorializações e reterritorializações, criando novos territórios. O ato de transformar deve preceder a atitude de conhecer. È nas experimentações

do pesquisador com os/as outros/as sujeitos da pesquisa que as linhas de análise vão se produzindo. Desse modo, o pesquisador cria o seu território de pesquisa, aberto à multiplicidades (PASSOS; KASTRUP; ESCÓCIA, 2015).

Parto então da ideia de tornar a pesquisa um território aberto, rizomático, que produza linhas de conexão, aproximação, ressonâncias e deslizamentos das vozes de três mulheres negras cujas experiências de vida acontecem na comunidade de Palmas. Interessa-me pensar sobre: os modos como essas mulheres intervêm na vida comunitária; como se estabelecem relações de gênero e raça nessas relações; que agenciamentos acontecem e que devires são produzidos por elas.

Segundo Deleuze e Guattari (2011) no rizoma não há um início ou fim, uma unidade no pensamento, qualquer ponto de um rizoma pode ser conectado a qualquer outro e deve sê-lo. O rizoma não está situado nem no sujeito e nem mesmo no objeto, se produz nas relações, nas situações, nos acontecimentos pela experimentação, pelas vivências, que são multiplicidades. Estas relações comunitárias e sociais que envolvem sujeitos mulheres produzem certamente singularidades e realizam conexões, constituindo processos de subjetivação, devires que criam individualizações e singularizações.

Por hora, entendo ser necessário trazer aqui alguns conceitos de comunidades quilombolas e mulheres produzidos pelo debate científico.

Quilombos e quilombolas

Na historiografia crítica, comunidades quilombolas designam grupos remanescentes de negros que, no período colonial e republicano pós-abolição fugiram das fazendas de café em São Paulo, dos engenhos no nordeste, da mineração em Minas Gerais, das charqueadas e estâncias no Rio Grande do Sul e ocuparam espaços de difícil acesso e à margem das áreas já povoadas das propriedades privada. Assim, se constituíram territórios de resistência e modos de vida comunitária que se assemelhavam as organizações tribais africanas de onde foram arrancados pela escravidão.

Autores dessa vertente ressaltam que os quilombos no Brasil resultam de um processo permanente e ainda presente de luta de classes, na qual as comunidades quilombolas constituem-se, primeiramente, em espaços de resistência a ordem colonial escravista e, posteriormente, à ordem capitalista, exploradora de mão-de-obra.

Seguindo essa linha de análise, Moura (2001) assinala que o quilombo era uma alternativa paralela de trabalho livre encravada no conjunto do escravismo colonial, que constituía a sociedade maior e institucionalizada. O negro-escravo inconformado traduzia este

sentimento na hora da fuga. Na sua ótica seria o primeiro estágio de consciência rebelde, ou seja, o despertar da necessidade de constituir, uma outra forma de vida laboral e livre. O segundo estágio era a socialização desse sentimento, e em consequência a sua organização com outros negros fugidos em uma comunidade estável ou precária, fator que determinou o surgimento das comunidades remanescentes de quilombos, que se encontram distribuídas de norte a sul do país.

Contudo, na linha de análise dos Estudos Culturais, entende-se que as comunidades negras, entre elas os quilombos, não podem ser pensadas como unidades identitárias que se apartam totalmente dos outros modos de vida, como se houvesse uma separação e uma oposição clara entre culturas quilombolas e não-quilombolas.

O conceito fechado de diáspora se apóia sobre uma concepção binária de diferença. Está fundado sobre a construção de uma fronteira de exclusão e depende da construção de um "Outro" e de uma oposição rígida entre o dentro e o fora. Porém, as configurações sincretizadas da identidade cultural caribenha requerem a noção derridiana de *differance*— uma diferença que não funciona através de binarismos, fronteiras veladas que não separam finalmente, mas são também *places de passage*, e significados que são posicionais e relacionais, sempre em deslize ao longo de um espectro sem começo nem fim. A diferença, sabemos, é essencial ao significado, e o significado é crucial a cultura. Mas num movimento profundamente contra-intuitivo, a lingüística moderna pós-saussuriana insiste que o significado não pode ser fixado definitivamente. Sempre há o "deslize" inevitável do significado na semiose aberta de uma cultura, enquanto aquilo que parece fixo continua a ser dialogicamente reapropriado. A fantasia de um significado final continua assombrada pela "falta" ou "excesso", mas nunca é apreensível na plenitude de sua presença a si mesma (HALL, 2003, p. 33).

Na verdade, a diáspora proporcionou uma intersecção pluricultural nas Américas e no Brasil, pois, mesclam-se culturas, como as indígenas, as africanas e as européias, gerando novos arranjos sociais e culturais e a produção de outros significados de identidades e diferenças que se hibridizam, configurando novas lógicas de pertencimento (JACINTO, 2015).

Conforme Davis (2016) o sistema escravista definia o povo negro como propriedade. Mulheres e homens eram vistos como unidades de trabalho lucrativas, para os proprietários de escravos elas poderiam ser desprovidas de gênero, quando a centralidade era a mão-de-obra a ser utilizada nas lavouras. Na prática não havia diferenciação de gênero na produção de trabalho na América. A literatura antiescravagista daquela época perpetuava as ideias racistas que justificavam a escravidão e as noções sexistas que fundamentavam a exclusão das mulheres na vida política e social. A autora relata como a população branca definia negros e negras: “A maioria dos negros é dócil e servil; as mulheres, mães e quase nada além” (DAVIS, 2016, p. 50).

Já Louro (2008) destaca como os movimentos das mulheres através das lutas feministas produziram a transgressão à cultura heteronormativa e a criação de novas linguagens e práticas sociais. São mulheres que com suas singularidades constituíram e constituem conexões fundamentais no campo político, cultural e social.

Partindo da célebre frase de Simone de Beauvoir: “Ninguém nasce mulher, torna-se mulher” citada por Louro (2008) entende-se que existem diferentes modos de tornar-se mulher, dependendo das relações sociais, das marcas, dos gestos, dos comportamentos, das preferências e dos gostos que são ensinados e reiterados cotidianamente, conforme normas e valores de uma dada cultura.

Portanto, considero que as histórias de mulheres quilombolas contadas por elas podem criar novas evidências das diferentes marcas, modos de vida, relações e subjetivações que elas produzem nas comunidades, micro-espacos em que vivem e criam devires.

Breves considerações

As pesquisas acerca das questões de gênero e raça são importantes ferramentas políticas à medida que produzem e fazem circular discursos que agenciam relações de poder e saber na vida social. A luta pelo direito à pluralidade cultural é um desafio que busco assumir enquanto pesquisador.

Assim, pretendo trazer a tona histórias de mulheres quilombolas, pesquisar suas experiências de vida nas comunidades que habitam e os modos como produzem suas subjetividades singulares.

Com isso, espero contribuir também no trabalho pedagógico de educadores/as que, na contemporaneidade, não podem ficar alheios às crescentes lutas de movimentos sociais diversos, às experiências comunitárias e populares, as questões de gênero e raça. As primeiras inserções e intervenções decorrentes da pesquisa para compor a Dissertação de Mestrado prospectam a expectativa que tenho de ampliar os laços que tenho com a comunidade quilombola de Palmas enquanto pesquisador que não se aparta das demandas sociais, pesquisador que não olha de fora, não é isento, mas ouvinte, observador e atuante, intervindo no contexto da pesquisa.

Portanto, minha atuação como pesquisador, se desenha na perspectiva de acompanhar os processos pelos quais mulheres quilombolas produzem seus modos de vida comunitária e a si mesmas como singularidades, devires-mulher.

Referências

- DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. 1. ed. Tradução Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2016.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 2**. Tradução: Ana Lúcia de Oliveira, Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. São Paulo: Editora 34, 2011. v. 1.
- FOUCAULT, Michel. **A Ordem do discurso**. Aula inaugural no Collège de France (02/12/1970). 2. ed, São Paulo: Loyola, 1996.
- GEHLEN, I.; BITTENCOURT JUNIOR, I. C. (Org.). **Relatório sócio, histórico e antropológico da Comunidade Quilombola de Palmas**. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2007.
- HALL, Stuart. **Da Diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.
- JACINTO, L. C. R. Saberes e Fazeres de Dona Santa: a vida comunitária de uma benzedeira negra na região campanha do RS. **Monografia (Especialização em Educação e Diversidade Cultural)**. Universidade Federal do Pampa, Bagé, RS, 2015.
- LOURO, Guacira Lopes. Gênero e Sexualidade: Pedagogias contemporâneas. **Pró-Posições**, n. 2 (56), v. 19, p. 17-23, maio/ago. 2008.
- MOURA, Clóvis. **Os quilombos na dinâmica social do Brasil**. Maceió: Edufal, 2001.
- PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. da (Org.). **Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2009.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE - FURG

Catálogo na Publicação:

Bibliotecária Simone Godinho Maisonave – CRB -10/1733

S471a Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade (7. : 2018 : Rio Grande, RS)

Anais eletrônicos do VII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade, do III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade e do III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade [recurso eletrônico] / organizadoras, Paula Regina Costa Ribeiro... [et al.] – Rio Grande : Ed. da FURG, 2018.

PDF

Disponível em: <http://www.7seminario.furg.br/>

<http://www.seminariocorpogenerosexualidade.furg.br/>

ISBN:978-85-7566-547-3

1. Educação sexual - Seminário 2. Corpo. 3. Gênero 4. Sexualidade I. Ribeiro, Paula Regina Costa, org. [et al.] II. Título III. Título: III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade. IV. Título: III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade.

CDU 37:613.88

Capa e Projeto Gráfico: Thomas de Aguiar de Oliveira
Diagramação: Thomas de Aguiar de Oliveira